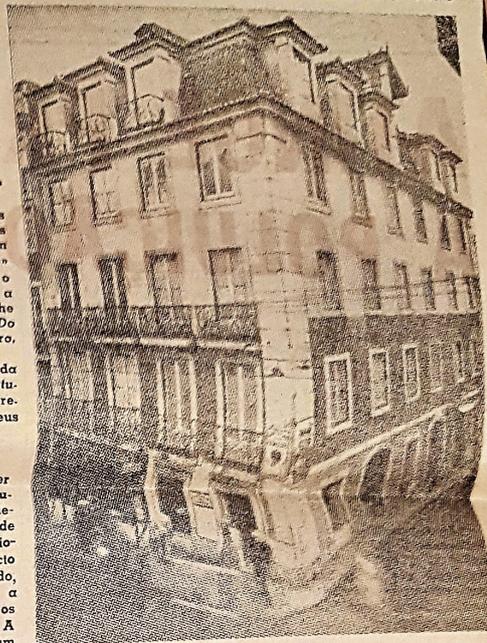


LISBOA DE HOJE E DO PASSADO

COMO NASCEU «A PORTUGUESA»

PRIMEIRO HINO DO POVO E DEPOIS HINO NACIONAL



Prédio n.º 118 da rua da Emenda, em cujo quarto andar foram escritos os versos de «A Portuguesa»

COMO nasceu A Portuguesa, hoje o nosso Hino Nacional? Nas suas estrofas majestosas e eloquentes, é um hino de revolta e de desespero, o eco de uma afronta, o sinal de ressurgir.

foi, é que Keil se explicou melhor. Tratava-se de uma música, hino ou marcha, em que a alma portuguesa desabalasse a sua rebeldia perante a afronta recebida e orgulhosamente marcasse, perante o mundo, a sua vitalidade. E para seu colaborador, libertista, me convidava.

cha, perante o delírio dos espectadores que encliam o vasto recinto. Fizera-se chamadas aos dois autores, aplaudiram-se os maestros e os músicos, deram-se vivas, e o padre Barroso, que depois seria bispo, com as suas longas barbas de apóstolo, falou das nossas gloriosas tradições e da propagação antiportuguesa de alguns missionários

dos sediciosos pelas ruas de Porto:

«Os compassos lânguidos de A Portuguesa sobem nos ares, como há pouco, um coro de vozes, repetindo-a.»

Por sua vez, João Chagas, o extraordinário repórter que a política inutilizou, chamou-lhe lado heróico no seu livro *Do Ultimatum ao 31 de Janeiro*.

Acrescentou:

«A música, à frente da coluna, tocando A Portuguesa; milhares de vezes repetido em uníssono os seus compassos melancólicos.»

MUITO haveria a dizer ainda sobre A Portuguesa, tornada, depois da Revolução de 5 de Outubro, Hino Nacional. Contudo, para um facto em que poucos terão atentado, queremos chamar a atenção: a curiosa sina que envolve os cânticos rebeldes nacionais. A *Maria da Fonte* criou a um italiano, *Frononi*, e A Portuguesa, o filho de um alemão, *Alfredo Keil*.

Artigo de Costa Júnior



Henrique Lopes de Mendonça, o poeta dos versos heróicos

lesa nacional, e a estátua de Camões apareceu, uma manhã, coberta de crepes.

O duque de Palmela, que fizera a guerra do Báltico, como oficial da Armada britânica, devolveu a medalha daquela campanha, enquanto o rei D. Carlos recusava a Ordem do Bão e declarava à Rainha Vitória não aceitar a investidura da Jarreteira. Foi neste ambiente de patriótica indignação que surgiu A Portuguesa.

CANÇÃO DE PROTESTO E DE REVOLTA

O seu autor foi o filho de um alfaiate alemão, Alfredo Keil, que estudou Música e Belas-Artes em Munique e Heidelberg e o próprio rei D. Luis comprava-lhe algumas telas. As lisboetas tocavam e dançavam as suas valsas de títulos ingénuos: Aurora, Teus Olhos Negros e Morenita. Em breve se tornou uma figura popular.

Anteriormente, outro poema, do autor dos versos de A Portuguesa, fora musicado por Keil. Foi o caso do major Luis Quillinan, no ano de 1883, ao sentir Portugal insultado por um deputado inglês, Jacob Bright, a propósito da questão do Zaire, o desafio para um duelo. Era um gesto bonito, com o seu quê de romântico, à moda antiga, e o povo emocionou-se.

Lopes de Mendonça, oficial da Armada, poeta e dramaturgo, escreveu, então, uma diatribe em verso contra a Inglaterra, que assinou com o pseudónimo de Luso e intitulou *Delenda Albion*. Foi publicada com uma bela capa do cunhado do poeta, o grande Rafael Bordalo Pinheiro.

Talvez porque o poeta se erguera em patriótica indignação, Alfredo Keil quis que fosse ele a escrever a letra para a sua marcha. O próprio Lopes de Mendonça descreveu em 1930, em *O Concerto do Porto*, como as coisas se passaram:

«Voltava eu, nessa tarde, para minha casa, ali ao Largo, junto à porta da rua, esperava-me o maestro, exaltado e exuberante de gestos, agitando na mão um rolo de papel de música. Convidou-me a seguir até ao meu quarto andar, e logo muito atrapalhadamente me indicou o seu propósito. Lá em cima, sentado no modesto piano que ainda conser-

— Vámos a isso! — disse eu. — Farei os versos e irei amanhã mostrar-lhos.

— Mas é que a música já está composta — disse ele.

— O caso é mais complicado para mim, mas vamos ouvir.

Sob os dedos nodosos do maestro surgiram os compassos arrogantes da marcha. Ele ia explicando:

— Três fontes de inspiração contribuíram para a minha música: o fado, que é a canção nacional mais própria para os lamentos do patriotismo ferido; a *Marselhesa*, que é por excelência o grito de revolta contra qualquer despotismo de estranhos; a *Maria da Fonte*, em que vibra o nosso amor pela liberdade.

Depressa se popularizou a marcha — que assim a classificou o seu autor. Decorada pelo povo, ressoou por cidades e aldeias, por montes e vales. Mas a política tomou-a à sua conta, e A Portuguesa, criada para interpretar a ira de todos os portugueses contra a violência estrangeira, passou a ser a canção de um partido.

AS PRIMEIRAS EXIBIÇÕES OFICIAIS EM PÚBLICO

NO dia 1 de Fevereiro de 1890 foi A Portuguesa executada de pé num grande sarau no Teatro de São Carlos, com o fim de angariar donativos para a subscrição nacional destinada à compra de vassos de guerra. O jornal *A Pátria*, que a Academia fundara e mantinha com grande entusiasmo republicano, descrevia o festival nos seguintes termos:

«(...) A marcha patriótica, expressamente composta pelo nosso distinto maestro Alfredo Keil, é uma das mais belas que neste género temos ouvido. Arquitectada sobre motivos populares, dos mais conhecidos, encerra em trinta compassos, belíssimas como só as pode conter um talento como o do simpático maestro. A marcha tem por título A Portuguesa, a letra é de Henrique Lopes de Mendonça, quente de patriotismo, brilhante de forma. Vai ser espalhada uma edição popular de que se distribuirão 40 mil exemplares.»

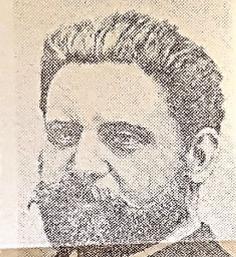
«A PORTUGUESA» — HINO DO POVO»

NO Teatro Alegria (já desaparecido) e no Avenida, onde se representavam as revistas *Esas e Erres* e *Tintim por Tintim*, foi executado o novo hino, o que levantou as plateias. Então o povo já o repetia em coro. A marcha era anunciada nos seguintes termos: «A Portuguesa, o hino do povo.»

No Real Colyseu de Lisboa, na rua da Palma, onde hoje é uma garagem, numa sessão promovida pelos aspirantes da Armada, em 10 de Março de 1890, foi de novo executada a mar-

inglês em África. Foi muito aplaudido.

O povo gostava daquelas frases cheias, sonoras, vibrantes, como que um eco da *Marselhesa*. Os canhões contra os quais se incitava a marchar, eram os ingleses. Os versos eram o símbolo de uma raça queixosa e so-



Alfredo Keil, autor da música do Hino Nacional

fredora, a querer desafrontar-se com preces:

São como beijos de mãe
Que nos guardam, nos sustêm
Contra as injúrias da sorte!

A marcha feita para unir todos os portugueses no desgosto comum, na afronta do Ultimato, tornou-se um símbolo de revolta nacional contra o regime deposto em 5 de Outubro. Os republicanos adoptaram-no como seu hino.

O «FADO HERÓICO»

NÃO se estranhou, por isso, que os sediciosos de 31 de Janeiro de 1891, ao proclamarem no Porto a sua efémera república tivessem tocado o hino heróico na madrugada da revolução. Basílio Teles descreveu a passagem